

AUTOESFORÇO E AUTOENTREGA

* Editorial da Revista “The Vedanta Kesari” (Junho de 1963; Volume 50; página 42).

Swami Paratparananda¹

Autoesforço e autoentrega são duas palavras frequentemente empregadas livremente; e ainda mais frequentemente usadas como se fossem contraditórias entre si. O autoesforço é normalmente associado e alinhado com o seguidor do caminho de *jñāna* e autoentrega com o seguidor de *bhakti*. Sob tais circunstâncias parecerá paradoxal dizer que ambas atitudes podem, mais ainda, deveriam ser encontradas em um aspirante espiritual. Dizer que uma [atitude] suplementa a outra, que uma completa a outra ou que uma é o corolário da outra pareceria um absurdo. Mas muitas coisas que parecem incongruentes à primeira vista, em uma avaliação superficial ou exame apressado, revelam o contrário em uma investigação mais penetrante ou firme. É assim no mundo físico como também no metafísico.

É necessário pra nós aqui, conhecer como este erro popular, de que essas duas atitudes do autoesforço e da autoentrega se referem a dois tipos distintos de aspirantes, entrou na mente humana. Num primeiro exame parece haver suficiente base para esta opinião. Todos sabemos que o caminho de *jñāna yoga* é um caminho rigoroso. O aspirante deve começar com a negação dos fenômenos. Tem que lutar a cada momento com sua mente e impedi-la de se identificar ou se associar não apenas com suas posses, parentes e amigos, mas com seu corpo, sua mente e seu ego também. Esta é uma tarefa tremenda. Esforços formidáveis são necessários para neutralizar as tendências que a mente acumulou por eras. E como Swami Vivekananda coloca, ‘É nadar contra a corrente’, a mais difícil das tarefas. Sri Krishna também tem a mesma opinião sobre este ponto quando diz, “As dificuldades encontradas por aqueles que estão apegados ao caminho do Não-manifestado são maiores”.² Note a palavra *maiores* aqui. É apenas um termo relativo, uma comparação com o outro caminho, aquele de *bhakti*. Devido ao enorme esforço que é requerido para ser empregado ao seguir este caminho, o autoesforço de forma natural veio a significar o caminho de *jñāna*. Até agora ninguém irá contradizer esta controvérsia. No caminho da devoção, por outro lado, se requer do devoto entregar tudo, seu corpo, mente e alma a Deus.

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna a Argentina em 1968.

² Bhagavad Gita, 12.5.

Consequentemente, as pessoas o tomaram como o caminho da autoentrega. Não pode ser dito que é uma nomenclatura errada se as duas atitudes não forem consideradas exclusivas. Toda a incompreensão começa quando cada uma delas é excluída e segregada da outra.

Consideraremos agora o ‘como’ e o ‘porquê’ do declarado acima. Vimos que o caminho do conhecimento [*jñāna yoga*] requer extremos esforços e parece que não há nenhuma chance para entrega nele. Mas vamos examinar as implicações desses esforços. Um seguidor de *jñāna* nega que ele é o corpo ou a mente. Esta é sua disciplina. Então o que ele postula? Como considera a si mesmo? Ele diz que é o Ser, o Ātman, que é da natureza da eterna pureza, conhecimento e liberdade. Mas existe algo chamado ego que permanece como uma barreira para a realização desta natureza pelo aspirante. Apesar de que possa vencer a ideia por algum tempo de que ele é o corpo, ele normalmente se identifica com este ego, o ser inferior. Mas o ego não é o Ser real. Este ego deve ser absorvido no Ser Superior, o Ser Real, a Consciência Cósmica; em outras palavras, o autoesforço que o aspirante considerava como seu, deve capacitá-lo a entregar seu pequeno ser ao Ser universal, Brahman e somente então seus esforços terão um significado. Somente então terá alcançado seu fim. Se contudo, ele externamente negar seu corpo, mas persistir com seu ego, este ego pode devorá-lo, prendê-lo ao mundo, como fazem o corpo e a mente no caso dos homens comuns. Sejam mais explícitos: o correto e verdadeiro conhecimento é “O Ātman não é o fazedor, o agente; nem aquele que desfruta [da ação]; não é tocado por nada que possa acontecer ao corpo”. Agora, enquanto qualquer ideia de fazer ou desfrutar permanecer no aspirante, não pode ser chamado de um seguidor do completo e real *jñāna marga*. Quando nada é seu, como podem apenas seus esforços serem seus? Se ele não é o corpo, como podem os esforços do corpo serem seus? Se ele não é a mente, como podem os esforços da mente serem seus? Mas isto não significa que ele deveria abandonar os esforços, mas deveria abandonar a ideia de que ele é o fazedor [das ações]. Quando chegamos a isto, pausamos para perguntar: Então o que significa isso senão entregar, entregar ao Ser Real, o Ser Universal? Vemos assim que na verdade o autoesforço e a autoentrega caminham juntos no caso do caminho de *jñāna*.

O outro caminho que tomaremos é o da autoentrega, que requer talvez um pouco menos de esforço, mas muita perseverança e tenacidade desde o início. Mas, apesar dos esforços serem um pouco menos necessários, não significa que não há lugar para o autoesforço. Seria pueril compreender deste modo. Mesmo no mundo físico, observamos todos os seres vivos lutando e esforçando-se por sua própria vida, pela sua sobrevivência; e onde quer que esforços nesta direção diminuíssem, nessa proporção estes seres desapareceram da face da terra. Há um ditado em Sânscrito que reforça essa ideia vividamente. “As presas não entram por si só na boca de um leão adormecido”, que significa dizer que mesmo um leão que é considerado o rei entre os animais tem também

que espreitar e caçar se quiser viver. Sem esforço nada pode viver. Citaremos um outro ditado em Sânscrito que dá esse significado: “Para uma pessoa que se porta como um leão em autoesforço, Lakshmi, a Deusa da Prosperidade, é alcançada”. Mas os inertes, ociosos, chamam isso de ‘destino, certamente o destino’. ‘Negar o destino causa um esforço viril e se você fracassar onde estará sua culpa?’ Deve-se aplicar este conselho na vida espiritual também. Talvez existam pessoas que pensem que o autoesforço no plano mundano não é apenas bom, senão necessário, mas no plano psicológico a autoentrega é melhor. Isso é tão bom quanto dizer, ‘irei desfrutar da vida, e Deus cuidará de minha alma, se houver’. Esta é a visão Hedonista e não autoentrega. Esta é a grande armadilha, mais ainda, esta visão é o cemitério da espiritualidade. É hipocrisia ou enganar a si mesmo. Por esse caminho ninguém foi salvo. Ele não resolve a questão da vida, nem da morte. Não é daqui e nem de lá.

Há uma bela parábola de Sri Ramakrishna que nos mostra este tipo de hipocrisia em suas verdadeiras cores: “Um Brahmana³, teve sucesso em cultivar um lindo jardim com muito esforço. Um dia uma vaca entrou no jardim e começou a pastar e destruir as plantas. O Brahmana ficou enfurecido. Ele bateu tão violentamente na vaca que ela morreu. Ele ficou tomado pelo medo. Ele pensou, ‘Ai de mim, eu, um Brahmana, matei uma vaca – que é o maior dos pecados’. O Brahmana tinha lido um pouco dos Vedas e lembrou que os órgãos sensórios humanos derivam seu poder para funcionar dos deuses e como Indra era a divindade que preside a mão, ele se acalmou pensando: ‘Foi Indra que moveu minha mão e matou a vaca’.

Em seguida o pecado de matar a vaca entrou no corpo do Brahmana. Ele disse, ‘Saia daqui, você [o pecado] não tem lugar aqui, pois Indra a matou. Vá para ele.’ Assim o pecado foi em direção a Indra. Indra disse ao pecado, ‘Espere um pouco, deixe-me ir falar algumas palavras com o Brahmana e já volto. Aí então você pode se agarrar a mim, se quiser.’ Dizendo isso Indra assumiu uma forma humana, entrou no jardim do Brahmana e o viu de pé cuidando das plantas e das árvores. Indra começou a elogiar a beleza do jardim na presença do Brahmana: Ó, que belo jardim é esse! Que bom gosto em plantar as plantas e árvores, cada uma em seu lugar apropriado’. Ele se aproximou do Brahmana e disse, ‘Senhor, pode me dizer a quem pertence este jardim? Ele é tão belo’. Ao ouvir o elogio ao jardim, o Brahmana ficou cheio de alegria e disse, ‘Senhor, este é meu jardim, fui eu que plantei tudo isso. Venha e lhe mostrarei tudo.’ Enquanto ele levava Indra pelo jardim e elogiando a si mesmo o tempo todo, inadvertidamente eles chegaram ao lugar onde a vaca morta estava. Mostrando-se espantado, Indra perguntou, ‘Uau! Quem matou esta vaca?’ O Brahmana, que estava todo tempo tomando para si o crédito de plantar o jardim estava sem saber o que dizer e permaneceu em total silêncio. Indra então assumiu sua forma real e disse, ‘Ah, seu hipócrita, você fez tudo que é bom no jardim e a

³ Membro da casta dos sacerdotes (nota do tradutor).

morte da vaca apenas você transfere para mim. Não é verdade? Aqui está seu pecado de matar uma vaca. Pegue-o.’ Dizendo isso, Indra desapareceu e o pecado veio e tomou posse do corpo do Brahmana”’. Assim é a entrega que alguns praticam. Por isso é melhor que enquanto se cuida do corpo, se preste atenção a alma também e isso com mais interesse do que se faz com o corpo.

A entrega [a Deus] não significa fugir do dever. Sri Krishna no Gita repreende Arjuna por posar como um homem sábio e tentar escapar de seu dever de lutar na batalha. Ele enumera várias razões pelas quais Arjuna deveria lutar. Antes de tudo ele diz: “Você fala como um sábio, mas se aflige por aqueles que não se deve fazê-lo. Pois uma pessoa sábia não se aflige pelos mortos nem pelos vivos”⁴. Depois disso, “Para um Kshatriya⁵ não há maior fortuna do que lutar uma batalha justa”⁶. Mesmo enquanto se trabalha deve-se pensar em Deus, pois mantendo-O constante e continuamente na mente, Seu pensamento persistirá mesmo nos últimos momentos da vida, o que o capacitará a alcançar a Deus. Esta é a razão porque Sri Krishna exorta Arjuna, “Pense em Mim e lute”⁷. Por fim ele diz, “Mesmo a sobrevivência de seu corpo se tornará difícil se você se tornar inativo.”⁸ Cumprir os deveres tem seu próprio mérito. Swami Vivekananda diz, “Você deve cultivar uma natureza nobre cumprindo seu dever. Cumprindo nosso dever nos livramos da ideia de dever; e somente então sentiremos tudo como sendo feito por Deus. Somos apenas máquinas em Sua mão. Este corpo é opaco, Deus é a lâmpada. O que quer que seja expressado pelo corpo é de Deus. Você não sente isso. Você sente “eu”. Isto é ilusão. Você deve aprender a calma submissão à vontade de Deus. O dever é a melhor escola para isso. Este dever é moralidade. Pratique para ser completamente resignado.”

Então qual é o real significado da autoentrega? Quem pode realmente entregar-se? Estas são as grandes questões que se deve responder antes de falar em entrega. O Ser para um devoto significa o *jīva* que mora no corpo. O Senhor, Īśwara, é aquele que governa todos os *jīvas*. A entrega deste *jīva*, isto é, corpo, mente e alma, a Īśwara é a real autoentrega. É a calma submissão à vontade de Deus, sem preocupações ou raiva. É a implícita crença na bondade de Deus e a capacidade de ver tudo que acontece com si mesmo, seja bom ou mal, como uma benção de Deus. Uma vez um grande santo, Pavahari Baba, foi mordido por uma serpente. O santo desmaiou perdendo a consciência. Após recobrar a consciência, alguém lhe perguntou por que ele, que não fazia mal a nenhuma criatura, tinha sido mordido. Sua resposta foi, “Ela era uma mensageira do bem-amado Senhor”. Assim é como um devoto considera até uma catástrofe. Não há

⁴ Bhagavad Gita, 2.11.

⁵ Membro da casta dos guerreiros (nota do tradutor).

⁶ Ibid., 2.31.

⁷ Ibid., 8.7.

⁸ Ibid., 3.8.

lugar para o egoísmo na autoentrega; quando se entregou tudo ao Senhor, não há nada que possa chamar de seu.

Sri Ramakrishna nos dá a analogia de um gatinho, dependente de sua mãe, para ilustrar a autoentrega. A mãe gata carrega o filhotinho em sua boca, segurando-o com firmeza e algumas vezes o colocando na cama do dono, algumas vezes no sótão atrás de uma pilha de madeira. Mas qualquer coisa que faça, o faz para o bem do gatinho. Este tipo de dependência é completa entrega, completa confiança em Deus. O aspirante anseia por Deus e apenas por Ele. Ele não quer nada além de Deus. Não calcula quanto ganho material pode obter por sua entrega. Não há comércio em sua entrega. Nossos Épicos como o *Mahabharata* estão repletos com histórias que mostram esta autoentrega. Prahlada e Ambarisha são alguns dos brilhantes exemplos que apresentaram diante de nós.

Em tempos recentes Sri Durga Charan Nag e Girish Chandra Gosh, dois discípulos chefes de família de Sri Ramakrishna se destacam, de forma proeminente como ilustrações dessa atitude de entrega. Nag Mahashaya era excepcional. Não havia ninguém como ele em humildade e seu amor por Deus era único. Mas o milagre do Mestre foi Girish Chandra Gosh. Na época que se encontrou com Sri Ramakrishna, Girish levava a vida de um boêmio. Mas sua fé simples, ilimitada e absoluta entrega o transformou de um pecador em um Santo. Como ocorreu esta alquimia? Quando, após se encontrar com Sri Ramakrishna, Girish mostrou interesse na vida espiritual e perguntou ao Mestre como deveria se conduzir daqui para frente, Sri Ramakrishna, um mestre *par excellence* como era, longe de fazer qualquer tentativa violenta de reformá-lo, disse a ele para viver como estava vivendo, mas que repetisse o nome do Senhor pela manhã e a noite. Mas mesmo esta simples disciplina, Girish não pode prometer que faria. Sri Ramakrishna então pediu a ele que repetisse o nome do Senhor pelo menos ao comer. Isto também Girish não pode prometer, pois ele mesmo não sabia quando e como estaria ao comer. Por fim o Mestre pediu a Girish que desse a ele o “poder de procuração” e disse que faria tudo o que fosse necessário para sua salvação [de Girish]. Girish ficou muito feliz e aceitou com alegria, pensando que não teria que fazer mais nada. Mas um dia, quando estava falando na presença do Mestre ele disse, ‘Eu farei isso’. O Mestre imediatamente o corrigiu dizendo, “Como pode dizer isso? Você não se entregou ao Senhor? Então diga, ‘se for a vontade do Senhor farei isso’”. Daquele dia em diante Girish teve que pensar em Sri Ramakrishna antes que fizesse ou dissesse qualquer coisa. Girish mais tarde disse, “Como poderia eu saber que dar o “poder de procuração” fosse uma tarefa tão difícil? Ainda resta muito para compreender mesmo agora. Descobri que em algum momento há um fim para as práticas espirituais como japa, austeridades e exercícios devocionais mas não há um fim para o trabalho de uma pessoa que deu o “poder de procuração”, pois deve observar cada passo e cada respiração para

saber se faz isso dependendo d'Ele e de Seu poder ou deste malvado 'eu'." Tão difícil assim é a autoentrega absoluta.

Swami Vivekananda declara, "Se alguém puder viver verdadeiramente neste estado de ânimo, então é uma Alma livre. Mas o que realmente acontece é que para o 'bom' eu fico com o crédito, mas para o 'mal', tu, Deus, é o responsável. Sem alcançar a plenitude do Conhecimento ou Divino Amor, tal estado de confiança absoluta no Senhor não vem". Portanto é melhor sermos realistas, avaliar nossos defeitos e esforçarmos verdadeiramente e com perseverança para eliminá-los; é melhor sermos honestos do que simular confiança em Deus. Sri Krishna, apesar de que num contexto ligeiramente diferente declara: "Somente não atua aquele cuja felicidade está apenas no Atman, cuja satisfação está no Atman, cuja bem-aventurança está apenas no Atman"⁹. Somente uma pessoa assim, mergulhada no pensamento de Deus, saturada completamente por Sua presença, que vê a Deus dentro e fora, não necessita fazer qualquer *tapas* [austeridade]. Até que se atinja este estado, deve-se esforçar com desejo intenso, fazer todos os esforços.

É óbvio a partir do colocado acima que a absoluta autoentrega é possível para o tipo superior de devoto, do qual existem muito poucos em um dado período. Temos que conhecer então qual é o caminho para os aspirantes em geral. Sri Krishna no capítulo sobre *bhakti yoga* no Gita dá uma lista de caminhos que se deveria seguir de acordo com sua capacidade. Ele diz a Arjuna, "Fixe sua mente em Mim, repouse seu intelecto em Mim, então será capaz, sem dúvida, de viver em Mim. Se, contudo, achar isso difícil, tente a yoga da prática; se isso não for possível, trabalhe para Mim. Agindo para Mim você atingirá a meta. Se você não for capaz disso também, refugie-se em Mim e sendo autocontrolado, renuncie aos frutos [resultados] de todas as ações"¹⁰. É necessário despertar o amor por Deus dentro de nossos corações por qualquer um ou todos esses métodos. E assim que o amor divino surgir não há mais nenhum perigo para o aspirante. Até então é uma tarefa árdua e temos que enfrentá-la. É uma vã fantasia imaginar que a misericórdia de Deus descerá subitamente sobre nós. Se acontecer, ótimo, mas vamos nos purificar para recebê-la e fazer a nossa parte do trabalho. Somos bem conscientes do dito, 'Deus ajuda aqueles que ajudam a si mesmos', e nos lembramos dele em nossas buscas mundanas. Vamos aplicá-lo também em nossa busca espiritual. Não deve haver hesitação de nossa parte para o esforço e ao mesmo tempo ansiedade pelos resultados. Pois, Deus, o todo-misericordioso Senhor, sob Quem buscamos refúgio, é o Dispensador de todos os frutos. Ele fará o que é bom para nós e quando nós O amarmos, o esforço não será esforço, não será cansativo. Se fizermos todas as ações como dedicação a Deus, haverá felicidade nisso.

⁹ Bhagavad Gita, 3.17.

¹⁰ Bhagavad Gita, 12, 8-11.

Por fim chegamos à questão, que tipo de esforço se requer do devoto? O *Bhagavata*, os *bhakti sutras* e os santos, lidaram muito extensamente com este assunto e podem ser separadamente discutidos. Ainda assim não será fora de lugar se mencionarmos aqui um verso significativo do poeta-santo Kulaśekhara Ālwar, que de forma primorosa descreve como cada membro de nosso corpo pode ser utilizado e como cada função do corpo sublima-se para a adoração do Senhor. Apesar de que muito do charme e beleza do verso será perdido na tradução, o daremos para aqueles que não podem ler o verso Sânscrito.

Se dirigindo aos diferentes membros o santo diz: “Cante, ó língua, a glória de Keshava; pense, ó mente, em Muraripu; ó mãos, adore a Śrīdhara; escute, ó ouvidos, as estórias de Achyuta; ó olhos, vejam a Krishna; dirijam seus passos, ó pés, em direção a morada de Hari; cheire, ó nariz, a folha de tulasi oferecida aos pés de Mukunda; prosterne-se, ó cabeça, a Adhokshaja”¹¹. Cada nome do Senhor usado aqui está pleno de significado, imbuindo de devoção quem pensar neles. Daqui por diante, repousando nossa vontade no Senhor e nos lembrando constantemente d’Ele devemos praticar *sādhana*.

• • • •

Este texto foi traduzido do original por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e da Santa Mãe Sri Sarada Devi.

¹¹ Mukundamala, 10.